

## Anthero do Quental

← 5,4 →



Sahido da sua thebaida de Villa do Conde, aonde o acorrentava essa mysantropia que traz a doença, se encapuchada no sombrio burel da desillusão, Anthero do Quental conseguiu n'um instante (graças á lenda que no espirito da mocidade lhe fizeram os apóstolos) resurgir em plena effervescencia patriotica do Porto, com o visionismo d'um Redemptor, subito tocado pelos clarões prenuñciaes d'um dia novo. Graças a elle, a *Liga Patriótica* por certo attingirá no paiz fóros de grande cruzada, e radiando do nucleo de bravos espiritos que a propulsaram, na cidade do Douro, virá descendo de povo em povo, como um baptismo de democracia purissima, té juvenescer nas suas aguas lustraes, toda a cançada e velha nacionalidade portugueza.

Por isso os PORTUGUEZES nos se honram de prestar esta pequena homenagem ao profundo e luminosissimo espirito, de que todo o Portugal n'este momento abençoa o nome, e saudam em Anthero do Quental o grande impeccavel, de quem fôra mister apothetisar a obra, e seguir o exemplo immaculado.

## A guerra litteraria

A estrophe continua a guerrear ferocissimamente o leopardo, disparando em rima, pela bocca dos vates, a polveira que por certo não podemos jogar contra a Inglaterra, pela bocca das peças raiadas. Guerra de letrados esta, que busca na *expressão* a embriaguez de gloria que já não pôde sentir nos campos de batalha, e que se consola das derrotas diplomaticas, pondo em alexandrino as suas inertes revindictas. E' pasmosa a porção de pamphletos patrioticos que vão pedir ás muzas paxes de fios com que apparellhar as feridas que a Inglaterra rasgou no nosso orgulho, e mais surpreendente ainda a porção de nervosidade esparsa em retalhar, por via de formulas academicas, uma extorsão de que vantajosamente só se podia tirar desforra, á bordoadada.

Oh minha patria! como vão longé os seculos em que tu só sonorizavas a rima, para te repousares das fadigas da castanha!

Hoje, os pelouros do meu paiz deitam sonetos, e a mocidade quando se lhe falla em remodelar sobre os destroços da vida velha, uma obra de redempção patriotica e futura, quando se lhe pede braços para a Africa, machinas para a industria, obras sérias e praticas para caução da nossa compromettida autonomia: a mocidade levanta-se como um só homem, e offerece ao governo organizar o batalhão academico—com um orpheon que espante o orbe e as phillarmonicas. Lamentemos então que os prélos gemam desacompanhados do ulular dos arsenaes, e parta-se do principio de que toda esta nossa superabundancia de mimicas e verbos, é um esburacado mapa de mendigo soberbo, por sob cujos rasgões facilmente se descobre um peito astmatico, e lamentaveis canellas que só servem para na fuga, ajuntarem o rabo, aos calcanhares.

×

N'esta cruzada porém de plumitivos, se a Mashona e o Chire lá continuam a embeber-se de missões escocezas, de carabinas Sydney, e de garrafões de cachaça, directamente importados das feitorias inglezas do Nyassa e das alfandegas do Cabo, a nosso mal: nem por isso a poesia epica libra mais alto os seus arrojões, ou arrebanha as suas imprecações em versos de Hugo, pondo na colera da patria o leonino arranco d'uma arte epileptica e desesperada.

A derrota politica podia ao menos ter-nos dado uma tal ou qual reviviscencia litteraria: mas decididamente os poetas estão como os generaes, um pouco caducos: a inspiração, como as fortalezas da barra não tem cupulas, e quando nas occasiões solemnes atira, toda estremece a plataforma do bom senso, e abre rachas de covado o pujadouro estheticos dos artilheiros.

Loiros da litteratura, juntae aos vossos similares da guerra, as murchas folhas: vosso destino é identico! Na hora em que resvalaveis da carapinha do genio para a marmitta do rancho, vós deixasteis de ser a expressão da gloria sublimada, a quintessencia radiantissima, p'ra vos irmanardes ao alho e á pinpinela, na therapeutica patusca do tempero. E quando d'aquí por annos o Luciano Cordeiro historiar o conficto do dia 11 de janeiro, ao tocar na

Mashona, poderá escrever que foi uma campanha que deu pela espingarda morte a muito preto, e pela poesia somno a muito branco.

×

Vae, peneirando bem a moinha rythmica dos innumeraveis folhetos patrioticos que a questão africana produziu, inda se apura d'alguns, valiosos trechos, com que esmaltar scintillantemente a cascata da nossa derrocada colonial.

Ahi refulge em logar de honra o vibrante *Væ Victoribus*, de Manoel Duarte d'Almeida, cuja armadura flammeja ao sol das epopeas, emquanto do estro lhe remoinham as invectivas propheticas d'um vidente que espraia o olhar, futuro adentro, n'elle relendo o *finis* da excommungada nação que nos roubou.

*«Colosso, has de cahir! Hoje, amanhã, um dia,  
Não muito longe, não! no lodo has de baquear!  
A terra acha pesada a tua tyrannia,  
Protesta contra ti, velho pirata, o mar!*

*De toda a parte aonde um peito nobre e ativo  
Rende culto á justiça e aos santos ideaes,  
De toda a parte surge o protesto incisivo  
Que te marca no hombro infamantes signaes.*

*Geme a Irlanda, rasgado o seio, os roixos pulsos,  
Que o grilhão faz sangrar, erguidos para ti...  
Resoam pelo mundo os seus prantos convulsos...  
A Humanidade chora, o teu orgulho ri!*

*Verde Erin! O destino adverso tem pesado  
Sobre ti, longamente, em duras provações!  
Mas Deus ha de se pôr, enfim, do nosso lado,  
Irlanda! e o teu algoz cobrir de maldições!*

*Has de cahir, colosso! O teu dominio asiatico  
Resumbrá podridões, atrocidades taes,  
Tem um cunho tão vil, tão negro, tão selvatico,  
Que transira de espanto os proprios cannibaes!*

*Não ha nada que eguale a crueldade fria  
Da tua sanha ao indio, aos antigos rajahs!  
Sobre a face da terra essa nodoa sombria  
Crystallizou no Horror! Tudo passa; ella — ja!*

*Dentro em ti mesma, Albion, a crapula mais funda,  
Babylonica, espessa, escancarada ao sol,  
Como um rio de lama, as consciencias inunda  
E prepara-te o digno e fetido lençol.*

*O espectro social, como tocha funerea,  
Tinge o horisonte já de rubido fulgor;  
E o grito lancinante e duro da miseria  
No rouco psalmodiar prelude o stertor.*

*Por Deus, que has de cahir! Não como cahie o bravo,  
Terçando, á luz da gloria, em combate leal;  
Cahir — mas como cahie o bandoleiro ignavo,  
Em nocturna refrega, á orla d'um pinhal...*



Ahi vem depois *Os Piratas do Norte*, por Henrique Lopes de Mendonça, cuja magnifica dedicatória em prosa é como um portico abrindo sobre uma jaula de rimas fulvas, por cujas fauces ulula a cofera do patriota vencido e esfuriado.

«Ergue-te livre, ó patria!  
Sacode aureas algemas,  
Guarda no peito estrenuo  
As coleras supremas,  
E no semblante pallido  
As márcas da altivez!  
Guarda no raro escriptorio  
Da placida memoria  
As resplendentes paginas  
Que deste á humana historia,  
E o retunbar nos seculos  
Do nome portuguez!»

Heroe da India e da Africa,  
O velho combatente  
Que deste ao mundo attonito  
Os cabedões do Oriente,  
E inda resurges válido  
Nos plains do Brazil;  
Pobre guerreiro pródigo  
Que nem sequer soubeste  
Tornar em filões aureos  
O sangue que verteste,  
Enxuga as nobres lagrimas  
Na face varonil!

Deixa os piratas ávidos  
Tripudiar no crime!  
Que o torpe vilipendio  
Teu nobre peito anime,  
E como o sangue outr'ora,  
Mais ouro não lhes des!  
Prepara no silencio  
A espada rutilante,  
E como no preterito,  
Retumbe triumphante  
Nos porvindouros seculos  
O nome portuguez!»

Logo apóz a *Origem do inglez*, por Abel Botelho, que é uma especie de phantasia cynica, chispando as imaginativas morbidas d'um Quasim do desprezador que escarra verde, do alto da sua torre, sobre a omnipotencia do colosso saxão que lhe esfervilha aos pés.

«E o negro anjo assim foi, febril, peregrinando,  
N'um vôo leviathanesco, — impavido, offegando, —

N'uma vertiginosa e aspera carreira,  
Das estações do Mal a viagem inteira...

Visitou o Interesse, a Vaidade, o Pulhismo,  
A rapina, a Extorsão e o Bandoleirismo...

Assim correu n'um gyro exasperado, inquieto  
Das abominações o circulo completo,

— A cada uma pedindo a esmola da clemencia,  
De cada uma obtendo o peor da sua essencia... —

E assim juntou quanto ha de refractario e immundo  
Nas fêzes sociaes do alambique do mundo.

As cabo, foi poisar este esqualido thesoiro,  
— Por gemmas abjecções e ignominia por oiro, —

N'um tragico rochedo, hirsuto e desabrido,  
Que n'uma nausea o Mar p'ra ali tinha expellido!

Ilha afogada em negro e opaco nevoeiro,  
Como o insecto vapor que exhala um enxurdeiro,

Rocha feita de neve, hulha, lódo e escoria,  
O vomito da Terra, a latrina da Historia!

Poisou o fardo ali... — Tinha um riso d'esperança!  
E coruscante o olhar de triumpho e vingança. —

Verteu-lhe em cima o fel das coleras supremas!  
Regou com «gin, cognac... Atestou-o de algemas...

Pôz tudo a fermentar... Bateu-lhe vèzes tres  
Cò'a cauda... Um pontapé...

— Saiu, n'um bórdo, o INGLEZ!»

e o *Pela Patria* enfim, que a nossa cantarina Lucinda do Carmo lançou aos peitos da Associação Academica, como uns bentinhos mysticos, e de cuja trama poreja o valot vivandeiresco d'uma padeira d'Aljubarrota, tresviada das guerras, para os dengosos saleros da opera buffa.

«Mas nós que temos sangue e temos raça,  
e por ella pugnamos com firmeza,  
calcuremos aos pés a vil trapaça  
desfraldando a bandeira portugueza.

ao som do nosso hymno triumphal!  
E embora haja cadaver's em montão...  
as boccas semi-mortas bradarão:  
«morremos nós... mas viva Portugal!»

Ponham vossas senhorias esta composição nos ouvidos da rainha Victoria, com musica do maestro Stychini, e digam-me depois o effeito.

«Morremos nós... mas viva Portugal!»

Pois viva, com trezentos diabos!

IREAN.



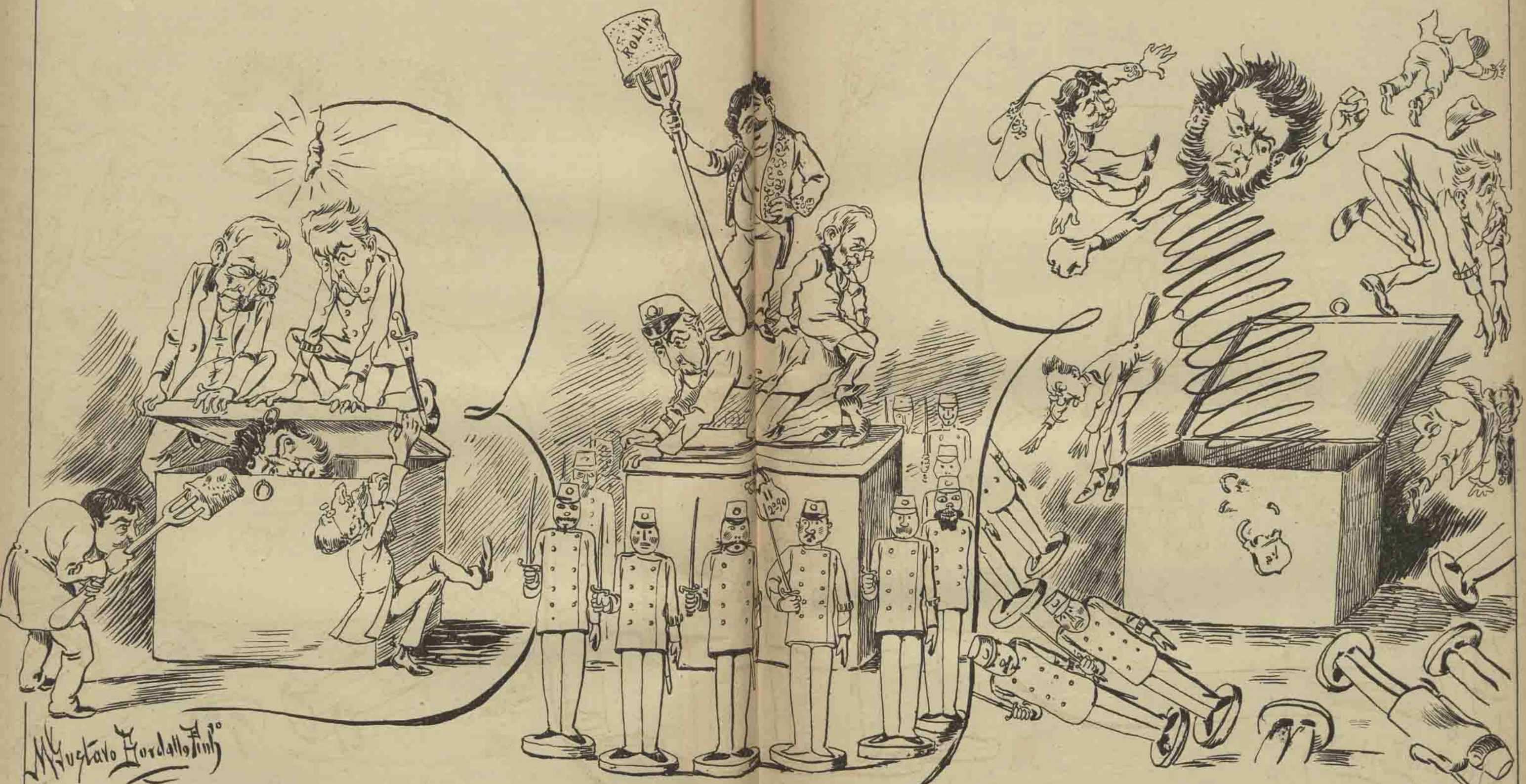
#### PRINCIPES DO CONGO

«Os qu'reis um sabonete fino e perfumado,  
ponto de que a pell' d'um rosto já fanado  
«mite, na brancura, os cyanes mais gentis,  
«melhe, em formosura, os tenros colibris?  
«em mais demora, pois, se o sabonete qu'reis,  
«interroga o povo, o clero, os proprios reis,  
«todos vos dirão apóz encomio longo:  
«corra aos sabonetes — PRINCIPES DO CONGO!»

Sabonaria do Congo. — Victor Vaissier, Paris, Roubaix.  
— Vende-se nas principaes perfumarias.



# La Boitá surprize



O povo tem uma expansibilidade revolucionaria, mil vezes superior á de certos gazes. Os tyrannos tentam comprimil-o.

Julgam-no bem preso num cofre, pezam-lhe em cima com toda a força do seu despotismo, cercam-no de tropas...

e vai elle um bello dia rebenta, e faz estilhaços de tudo quanto apanha.







## Historia d'uma corôa

Tive uma c'rôa, bem posta,  
Toda rosas em botões,  
C'rôa que estava disposta  
P'ra ser, á noite, deposta  
No pedestal do Camões.

Era uma c'rôa completa  
De elegancia — e de assobio! —  
Própria, em summa, d'um poeta  
Que após morrer de dieta  
A patria em bronze esculpiu...

Mas, de repente, apparecem  
Policias, tropas á ufa,  
Que co'a c'rôa se embravessem  
— Como se as rosas tivessem  
Aromas... de rima em ufa!...

P'los brutos da força armada  
Tendo as attentões precisas,  
Fui guardar a c'rôa amada,  
Meia murcha, amachucada,  
Na gaveta das camisas.

Inda não passára um mez  
Sobre a malograda offerta  
Quando surge outro freguez  
P'ra a c'rôa — que d'esta vez  
Ia ter poisada certa...

Era mesmo o que se chama  
Um soberbo, um bello ensejo!  
Levar a c'rôa de fama  
Ao grande Vasco da Gama  
Assentava — como queijo!

Mas, de novo, a armada força  
Soltando um gallego — xó! —  
Me diz — O caminho torça,  
Ou vae dar pulo de corça  
Nas trevas do xelindró!

E a c'rôa, que era tão rica,  
Foi-se tornando caduca!  
Nos vaivens d'esta futrica  
Cada vez mais murcha fica,  
Cada vez mais se amachuca!

N'usses constantes baldões,  
A correr toda a cidade,  
A tal c'rôa do Camões  
Já perdeu trinta botões,  
'stá reduzida a metade!

Não havendo mais heroes  
Na cidade de Lisboa  
— Da polpa d'aquelles dois —  
Que destino agora, pois,  
Heide eu dar á meia c'rôa?

Co'a meia c'rôa na mão  
Farto de andar ás carreiras,  
Resolvo assim a questão:  
Dal-a ao governo — ou então  
A' Chiea dae Salgadeiras...

*João Saraiva*

## Para a historia dos «equivocos»



Em harmonia com os ukases governatoriaes, decid'u a policia agarrar os estudantes que transgredindo as ordres, teimaram em ir depôr na ossada de Camões, o ramo promettido. Chegaram porém aos Jeronymos, como os gendarmes dos Brigands; e não logrando capturar os manifestantes, levaram para a esquadra o ramo — preso.

Por... equivoco.



# Real Colyseu da Parreirinha

o

## GRANDE PALHAÇO D'ARCOS,



Festa artistica do clown Pedaco d'Arcos, recentemente desnaturalizado portuguez,  
ao inverso do seu collega Tony-Grice